

Problema

Como *Blow-up* anuncia o primado da imagem na cultura contemporânea?

Introdução

Neste trabalho, tomamos o filme *Blow-up* (1966), de Michelangelo Antonioni, como ponto de partida de uma reflexão acerca do primado da imagem na cultura contemporânea.

Sobre o filme

Produção italo-britânica de 1966, baseada no conto de Julio Cortázar, *Las barbas del diablo*, de 1959.
Direção Michelangelo Antonioni.

Marco Teórico

A partir do mito de Narciso, Freud elabora o conceito psicanalítico de narcisismo (amor à imagem de si próprio) para pensar a constituição do sujeito.

Inspirados nesse conceito psicanalítico, os autores Guy Debord e Christopher Lasch escrevem as obras: *A sociedade do espetáculo* (1967) e *A cultura do narcisismo* (1979), respectivamente.

Em *Mal-estar na atualidade* (2007) Birman realiza análises da cultura contemporânea e aponta as obras de Debord e Lasch "como instrumentos teóricos agudos para que se possa realizar uma leitura das novas formas de subjetivação da atualidade" (p. 23-24).

Metodologia

Assim como *Janela indiscreta* (1954), de Hitchcock, *Blow-up* pensa o cinema – e o estatuto da imagem – tomando como referência a fotografia. Por esse motivo, este trabalho analisa algumas fotos de cena, que nos permitem abordar o nosso tema.

Analisamos duas cenas que sintetizam essa obra cinematográfica.



Primeira Cena

Protagonista, Thomas, fotógrafo de moda londrino, interpretado por David Hemmings é indiferente ao outro. Só se excita fotografando, só se afeta através da câmera. Sua relação com o outro se dá mediada pela imagem.



Segunda Cena

Nela há a presença do significante Blow-up: ampliar/estourar, que dá nome ao filme. Sucessivas ampliações explodem o grão da imagem, o que introduz incerteza na imagem. A posteriori, através da ampliação das fotos, explode o incidente, um crime. Ao revelar o filme das fotos tiradas no parque, Thomas monta a cena que não viu, mas fotografou.

Hipótese/Conclusão

Tal obra cinematográfica é contemporânea às obras de Debord e Lasch. Nossa hipótese é que a produção de Antonioni estaria no bojo das que anunciavam o primado da imagem na cultura contemporânea. Nas duas cenas em análise, Thomas experimenta as duas pulsões fundamentais, sexo e morte, por meio da imagem.



Referências

- DEBORD, Guy (2000). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
BIRMAN, Joel (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
LASCH, Christopher (1984). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.
MENEZES, Paulo (2013). *À meia-luz: cinema e sexualidade nos anos 70*. 2. ed. São Paulo: Editora 34.
RIVERA, Tania (2008). *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
VANOYE, Francis; GUILLOT-LÉTÉ, Anne (2009). *Ensaio sobre a análise fílmica*. 6. ed. Campinas, SP: Papirus.
WEINMANN, Amadeu (2014). *Sobre a análise fílmica psicanalítica*. 18p. Manuscrito.